

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO
CENTRO DE CIÊNCIAS DA SAÚDE
DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO FÍSICA
CURSO DE LICENCIATURA EM EDUCAÇÃO FÍSICA**

BERNARDO JOSÉ BIONE DOS SANTOS

**EDUCAÇÃO FÍSICA NA EJA PRÁXIS LIBERTADORA EMANCIPATÓRIA:
EMPODERAMENTO ÉTNICO RACIAL**

**RECIFE
2025**

BERNARDO JOSÉ BIONE DOS SANTOS

**EDUCAÇÃO FÍSICA NA EJA PRÁXIS LIBERTADORA EMANCIPATÓRIA:
EMPODERAMENTO ÉTNICO RACIAL**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à
Disciplina de Seminário de Trabalho de
Conclusão de Curso II do Curso de
Licenciatura em Educação Física -
Departamento de Educação Física -
Universidade Federal de Pernambuco, Prof.
Dr. Edilson Fernandes de Souza, como
requisito para a aprovação na referida
disciplina.

Orientadora: Prof.^a. Dra. Tereza França - LIEPULRER-DEF-CCS-UFPE

Coorientadora: Prof.^a.|Dda. Sandra Cristhianne França Correia -

LIEPULRER-CAP
ES-UFPE/ FPS

RECIFE
2025

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor,
através do programa de geração automática do SIB/UFPE

Santos, Bernardo José Bione dos.

EDUCAÇÃO FÍSICA NA EJA PRÁXIS LIBERTADORA EMANCIPATÓRIA:
EMPODERAMENTO ÉTNICO RACIAL / Bernardo José Bione dos Santos. -
Recife, 2025.

31

Orientador(a): Tereza Luiza de França

Cooorientador(a): Sandra Cristhianne França Correia

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) - Universidade Federal de
Pernambuco, Centro de Ciências da Saúde, Educação Física - Licenciatura,
2025.

Inclui referências.

1. Educação de Jovens e Adultos (EJA). 2. Educação Física Escolar. 3.
Empoderamento Étnico-Racial. 4. Educação Antirracista. 5. Práxis Libertadora. I.
França, Tereza Luiza de . (Orientação). II. Correia, Sandra Cristhianne França.
(Coorientação). IV. Título.

370 CDD (22.ed.)

Banca Examinadora

Profa. Dra. Tereza Luiza de França
1ª Examinadora – Presidente da Banca

Profª. Drª. Letícia Rameh Barbosa
2ª Examinadora

Profa. Dda. Sandra Cristhianne França Correia
3ª Examinadora

Prof. Ddo. Marcelo Vinícius França Gama Silva
4ª Examinador

Data: 16 / 12 / 2025

Dedico este trabalho aos meus pais, Sergio e Rosiane, que sempre cuidaram e zelaram pela minha educação. Me fazendo descobrir o significado e meu propósito.

AGRADECIMENTOS

Em qualquer jornada, de qualquer tipo, um dos pilares da loucura é a solidão. Quem não têm família e amigos, acaba se afogando numa piscina rasa e cheia de suas próprias lamentações. Mas esse não é meu caso, pois tive pessoas incríveis que tornaram possível minha jornada, não foi fácil, mas sem eles, seria impossível!

Devo começar pela minha mãe Rosiane (Ana), que me gerou, cuidou/cuida de minha pessoa. Nos momentos de minhas ansiedades, sempre me acalmava com seu cheiro acolhedor, suas palavras de consolo e suas orações cheias de fé.

Não menos importante, agradeço ao meu pai Sergio. Homem que desde criança sabe o valor do trabalho e têm a visão freireana que a educação liberta e transforma, mesmo que ele mesmo ainda não entenda.

Agradeço à minha orientadora, Professora Tereza, pela sua imensa paciência e comprometimento. Sem suas orientações, tato e zelo, talvez não teria conseguido chegar tão longe academicamente.

Agradeço ao meu melhor amigo, Felipe Feijó, que esteve comigo durante esses anos. Aguentou minhas reclamações, meus lamentos e sempre tinha um ombro amigo quando precisava.

Agradeço à Juliana Lima, minha amiga que a UFPE me deu, pela paciência e companheirismo, certamente sem sua ajuda, também não iria conseguir conquistar minhas vitórias.

“A educação não transforma o mundo. A educação muda as pessoas. As pessoas transformam o mundo”.

Paulo Freire

RESUMO

A Educação de Jovens e Adultos (EJA) surge como resposta às desigualdades históricas que excluíram parcelas da população do acesso à educação básica. Essa pesquisa analisou como a Educação Física Escolar, fundamentada na práxis libertadora de Paulo Freire, pode influenciar o empoderamento étnico-racial nesta modalidade. O objetivo geral consistiu em analisar como a linguagem corporal estimula a conscientização e a valorização de atitudes antirracistas. Metodologicamente, a pesquisa seguiu uma abordagem qualitativa, do tipo bibliográfico-documental, utilizando as categorias de educação antirracista, emancipação e diálogo. Para a análise de dados, recorreu-se à Etnometodologia de Coulon e à Análise de Conteúdo de Bardin. Os resultados indicam que a inclusão de elementos culturais afro-brasileiros (como capoeira, afoxé) e a adoção de uma postura dialógica contribuem significativamente para o fortalecimento da identidade e para o enfrentamento do racismo estrutural. Conclui-se que a Educação Física na EJA, quando orientada por princípios crítico-emancipatórios, reafirma-se como componente curricular de luta e resistência, essencial para a construção de uma sociedade mais justa e igualitária.

Palavras-chave: Educação de Jovens e Adultos (EJA); Educação Física Escolar; Empoderamento Étnico-Racial; Educação Antirracista; Práxis Libertadora.

ABSTRACT

Youth and Adult Education (EJA) emerges as a response to the historical inequalities that excluded portions of the population from access to basic education. This research analyzed how School Physical Education, grounded in Paulo Freire's liberating praxis, can influence ethnic-racial empowerment within this modality. The general objective was to analyze how corporal language stimulates conscientization and the appreciation of anti-racist attitudes. Methodologically, the study followed a qualitative approach of a bibliographic-documentary type, utilizing the categories of anti-racist education, emancipation, and dialogue. For data analysis, it relied on Coulon's Ethnomethodology and Bardin's Content Analysis. The results indicate that the inclusion of Afro-Brazilian cultural elements (such as capoeira and afoxé) and the adoption of a dialogical posture contribute significantly to identity strengthening and to confronting structural racism. It is concluded that Physical Education in EJA, when guided by critical-emancipatory principles, reaffirms itself as a curricular component of struggle and resistance, essential for building a more just and egalitarian society.

Keywords: Youth and Adult Education (EJA); School Physical Education; Ethnic-Racial Empowerment; Antiracist Education; Libertarian Praxis.

LISTA DE ABREVIATURAS

EJA	Educação de Jovens e Adultos
CAPES	Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior
UFPE	Universidade Federal de Pernambuco
BNCC	Base Nacional Comum Curricular

SUMÁRIO

1 CENÁRIO DA EJA - EDUCAÇÃO FÍSICA MOTIVAÇÕES DESTE ESTUDO: A INTRODUÇÃO	13
2 MARCO TEÓRICO DO ESTUDO: DIÁLOGOS COM A LITERATURA	18
3 BASE METODOLÓGICA DE PESQUISA: CAMINHOS QUE SE FAZ CAMINHANDO	24
3.1 Tipo de Pesquisa e Definição do Corpus	24
3.1.1 Corpus Documental	24
3.1.2 Corpus Bibliográfico	25
3.2 Categorias Explicativas e Operacionalização da Análise	25
3.3 Procedimentos de Análise de Dados	26
4 DISCUSSÕES SOBRE OS RESULTADOS: O QUE DIZ A LITERATURA	27
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS	29
REFERÊNCIAS	30

1. CENÁRIO DA EJA - EDUCAÇÃO FÍSICA MOTIVAÇÕES DESTE ESTUDO: A INTRODUÇÃO

A Educação de Jovens e Adultos (EJA) desempenha uma função crucial no sistema educacional brasileiro, ao atender, em sua grande maioria, uma parcela da população historicamente marginalizada e excluída de oportunidades educacionais, quando em idade referência para os níveis de escolarização da Educação Infantil, Ensino Fundamental e Ensino Médio. De acordo com a BNCC, a educação infantil foca no desenvolvimento integral da criança por meio de interações e brincadeiras, garantindo direitos de aprendizagens como conviver, brincar, participar, explorar, expressar e conhecer-se, enquanto o ensino fundamental organiza competências e habilidades por áreas do conhecimento, priorizando alfabetização na idade certa, pensamento crítico, resolução de problemas e formação cidadã, já o ensino médio estrutura-se em competências gerais e itinerários formativos, integrando formação geral básica com aprofundamentos escolhidos pelos estudantes e foco em projeto de vida.

A EJA, que recebe orientação da BNCC para desenvolver as mesmas competências e habilidades da educação regular, adaptando-as às necessidades, ritmos e experiências dos estudantes, valorizando aprendizagens prévias e garantindo formação integral e cidadã. Compreendemos que, também, se configura como modalidade de escolarização com resistência e transformação, em que é possível ressignificar e valorizar trajetórias de vida interrompidas pelas desigualdades político-sócio-culturais, econômicas e raciais que estruturam a sociedade brasileira. Quando nos referimos a essa estrutura, tomamos por referência estudos de Almeida (2018, p.19) quando se escreve que a “raça” não é um termo fixo estático, seu sentido está inevitavelmente atrelado às circunstâncias históricas em que é utilizado, por trás da raça há contingência, conflito relacional e histórico”. O que significa dizer ser coerente os escritos de França (2024, p. 3), ao afirmar que:

[...] sociedade estruturante que define as regras das relações sociais e da formação dos homens e das mulheres. A luta para desmobilizar torna-se imperativa e as ações políticas efetivas para o enfrentamento deste racismo. O que significa ampliar possibilidades de viver culturas que assegurem a diversidade em realidades sócio-político-culturais.

Neste contexto, a Educação Física, enquanto componente curricular no chão da escola, cabe-lhe assumir o compromisso de valorizar e fortalecer o empoderamento étnico racial, especialmente no universo da Educação Básica.

Como escreve França (2022, p. 3):

Cabe, também à Educação Física como componente curricular assegurar situações de ensino com conhecimentos e saberes, socialmente construídos e historicamente acumulados, se constituem como centralidades para assegurar um *quefazer* científico, tecnológico e inovador que possa fortalecer, fomentar, desenvolver e consolidar a produção, também, no universo acadêmico.

Nesta, a práxis é fundamentada com bases teórico-metodológicas de cunho crítico-reflexivo, como por exemplo, o legado freiriano. Ou seja, inspirar-se nas pedagogias escritas pedagógicas de Paulo Freire: “Pedagogia do Oprimido (1983)”; “Pedagogia do Conflito (1988)”; “Pedagogia da Esperança (1992)”; “Pedagogia dos Sonhos Possíveis (2001)”; “Pedagogia da Tolerância (2005)”, dentre outras. A partir das quais, é possível repensar a Educação Física que, tradicionalmente, tem se centrado, no âmbito escolar, em modalidades esportivas as quais primam pelo tecnicismo exacerbado num ritmo de “perder” ou “ganhar” que por vezes desconsidera o respeito às possibilidades corporais do coletivo de estudantes.

O Programa de Residência Pedagógica (CAPES/UFPE/2023) é uma das referências fundamentais para a produção desta pesquisa, pois foi através do programa que foi possível assegurar contatos necessários com a EJA e visualizar, no real concreto (VÁZQUEZ, 1977), as bases teórico-metodológicas, por vezes, experienciadas durante a graduação. Um aspecto em destaque sobre a EJA, é como a mesma ocupa espaços nos componentes curriculares da BNCC. Porém, na graduação, a EJA torna-se um debate/pauta de discussões e de intervenção, o que a coloca à margem do processo de formação superior.

Estudiosos no campo teórico-metodológico, do campo da Educação Física, têm alertado para a diversidade própria dos vastos conteúdos próprios para este nível de escolaridade, ou seja: dança, lutas, ginástica, jogo e esporte, os quais ao constituir o universo de movimentos, ampliam o horizonte da diversidade cultural presente nas práticas corporais. Souza Júnior (1999, p. 134) alerta que, “refletir este componente curricular com o intuito de argumentar a seu favor, para além das determinações legais, reconhecer sua autonomia perante instituições que determinaram/determinam sua compreensão, estrutura e funcionamento[...]”

Quando integrada ao currículo da EJA, a Educação Física, ao assumir estratégias metodológicas transformadoras, especialmente ao ser contextualizada em espaços culturais específicos, torna-se condição inegociável enfatizar a importância da

educação que valorize a diversidade sócio-cultural destacando a práxis pedagógica inclusiva como essenciais para combater o racismo, o preconceito e a discriminação, e aflora a autoestima de estudantes em todos os níveis da escolarização, incluindo-se a EJA.

Quando nos referimos à práxis pedagógica, consideramos o legado freiriano que, segundo o qual, é expressão de reflexões sobre o mundo com reações transformadoras. Práxis na qual a ação e a reflexão, solidárias, se iluminam constante e mutuamente. Na qual a prática, implicando na teoria da qual não se separa, implica numa postura de quem busca o saber, e não de quem passivamente o recebe (FREIRE, 2002, p. 17).

Nestas perspectivas, a integração de elementos culturais afro-brasileiros em aulas com princípios antirracistas, significa reforçar a identidade cultural de estudantes e, também, contribui para uma educação antirracista e inclusiva. Freire (1996, p.26), argumenta que “a educação deve ser um ato de liberdade, garantindo a conscientização crítica dos indivíduos sobre a sua realidade”. Para os estudantes da EJA, a práxis da Educação Física ao tomar por base as práticas corporais, como linguagem expressas e vividas em/com suas experiências de vida, estabelece nexos e conexões de sustentação e de fortalecimento de suas resistências, além de enfrentamentos às opressões sociais e raciais. Souza (2006), enfatiza a importância da EJA como modalidade de ensino que assegura a inclusão social e cultural, destacando que este segmento educacional atende às necessidades específicas de grupos marginalizados.

Consideramos relevantes destacar que ao fazermos referências acerca de práticas corporais como linguagem, tomamos por base as concepções sustentadas pelo coletivo de Autores (1995) que enfatiza:

São sugeridas formas para a organização e distribuição dos temas como jogo, ginástica, esporte e outros, ao longo das séries. A metodologia aqui é entendida como uma das formas de apreensão do conhecimento específico da educação física, tratado a partir de uma visão de totalidade, onde sempre está presente o singular de cada tema da cultura corporal e o geral que é a expressão corporal como linguagem social e historicamente construída. Neste capítulo são colocadas, ainda, a título de exemplo, experiências metodológicas realizadas por professores da rede pública de diferentes estados brasileiros. Sugere-se que os leitores experimentem essas novas formas de tratar o conhecimento da educação física, abordando os temas da cultura corporal a partir do contexto real de sua escola, de sua cidade, de sua região.

Inspirados por estas reflexões, quando de nossas experiências na EJA quando da participação no Programa de Residência Pedagógica na UFPE, afloraram-se questões que motivaram a mergulhar nesta caminhada investigativa, como: em relação à Educação Física na EJA, como sistematiza-se a práxis vivida com base nos princípios da cultura corporal como linguagem? Que abordagens possibilitam à práxis da Educação Física na EJA que contribuam para uma formação libertadora e/ou emancipatória? Como é possível problematizar situações de ensino na EJA que possam aflorar a busca para o empoderamento étnico racial? Quais os indícios que podem ser identificados numa práxis da cultura corporal como linguagem que valorizam os princípios da educação antirracista?

Destas questões, delimitamos como problemática: como a práxis com bases teórico-metodológicas fundamentadas nas pedagogias freirianas contribui para o empoderamento étnico racial na Educação Física da EJA? Desta forma, nasceu o objetivo geral de analisar a práxis pedagógica com bases teórico-metodológicas fundamentadas nas pedagogias freirianas libertadoras e emancipatórias que contribuem para o empoderamento étnico racial na Educação Física da EJA?

Compreendemos que, apesar dos avanços político-educacionais no atual cenário, a EJA ainda enfrenta desafios significativos, como evasão escolar, falta de recursos materiais e pedagógicos adequados, carência de formação continuada para os docentes e necessidade de incorporação das tecnologias digitais no processo educativo.

Uma educação que seja,

[...] na perspectiva da justiça, é exatamente aquela educação que desperta os dominados para a necessidade da briga, da organização, da mobilização crítica, justa, democrática, séria, rigorosa, disciplinada, sem manipulações, com vistas à reinvenção do mundo, à reinvenção do poder tomado, o que vale dizer que essa educação tem que ver com uma compreensão diferente do desenvolvimento, que implica uma participação cada vez maior, crescente, crítica, dos grupos populares (FREIRE, 2001, p. 99)

Este arquipélago de certezas e buscas apontam indícios que resultam objetos de pesquisas relevantes para a superação dos limites, e concretas possibilidades de estudos sobre a EJA. Esta afirmativa tem suas âncoras no entendimento de que essa modalidade de ensino mantém sua relevância ao possibilitar o exercício da cidadania, o acesso ao mundo do trabalho e a melhoria da qualidade de vida dos estudantes. O que a reafirma

como uma modalidade de ensino voltada para a transformação social, contribuindo para a construção de uma sociedade mais justa, democrática e igualitária.

2. MARCO TEÓRICO DO ESTUDO: DIÁLOGOS COM A LITERATURA

Os estudos com base nas teorias críticas da Educação e da Educação Física se configuram como nossa literatura central por compreendermos que sistematizar práticas de cultura corporal, tomando por referência os conteúdos da Educação Física, é possível problematizar temáticas como a Capoeira, o Afoxé, o Maculelê, Questões de Gênero, Negritude, Liberdade de Expressão, Emancipação Corporal e outras manifestações da cultura corporal como linguagem o que significa, estrategicamente, garantir a existência de um ambiente educacional mais acolhedor e representativo para todos e todas.

A cultura corporal, entendida como um conjunto de práticas que expressam e valorizam identidades culturais, é amplamente discutida por diversos autores. A cultura corporal é um campo fértil para a visibilização da diversidade cultural e do respeito mútuo (COLETIVO DE AUTORES, 1992).

Vivenciar a cultura corporal nas práticas educativas voltadas para os estudantes da EJA permite uma abordagem dialética e inclusiva da Educação Física. Ao englobar princípios da Educação Antirracista, contribui com o processo de transformação e aponta possibilidades para assegurar a inclusão social, o respeito à diversidade cultural e a equidade racial assegurando a valorização de suas identidades culturais e a luta contra o racismo estrutural, para que se possa compreender e propor um processo transformador para a EJA.

Freire, com sua proposta de uma educação emancipadora e dialógica, nos oferece um arcabouço teórico que desafia as práticas educativas tradicionais, propondo uma educação que não seja "bancária", mas sim libertadora. Para Freire (2003, p. 27-28), a educação bancária, em que se pese o ensino "bancário", que deforma a necessária criatividade do educando e do educador, o educando a ele sujeitoado pode, não por causa do conteúdo cujo "conhecimento" lhe foi transferido, mas por causa do processo mesmo de aprender, dar, como se diz na linguagem popular, a volta por cima e superar o autoritarismo e o erro epistemológico do "bancarismo".

A pedagogia freiriana, centrada no diálogo, na conscientização e na problematização da realidade, é muito relevante à Educação Física na EJA, uma modalidade de ensino que busca o aprimoramento do processo educacional rumo à construção de identidades fortes e empoderadas, capazes de resistir às opressões raciais.

Paulo Freire é amplamente reconhecido como um dos mais importantes educadores do século, tendo sua obra influenciado profundamente a educação popular e

a pedagogia crítica em todo o mundo. Sua pedagogia, centrada na conscientização e no diálogo, desafia as práticas educativas tradicionais que ele denominou de "educação bancária". Para Freire, a educação bancária é aquela em que os alunos são vistos como recipientes passivos, nos quais os professores depositam conhecimento, sem permitir um processo de questionamento ou construção crítica do saber (FREIRE, 2005, p. 79).

Em oposição a essa abordagem, Freire propõe uma educação dialógica, em que o conhecimento é construído coletivamente, com base nas experiências e realidades dos educandos. A pedagogia freiriana, portanto, não é apenas um método de ensino, mas uma proposta política e filosófica que busca a transformação social através da educação. Freire argumenta que a educação deve ser um ato de liberdade, em que o educando se torna sujeito de sua história e da própria aprendizagem, capaz de compreender e transformar sua realidade (FREIRE, 1983, p. 25). Essa abordagem é especialmente relevante no contexto da EJA, onde os educandos frequentemente trazem consigo experiências de vida marcadas pela exclusão social, econômica e racial.

A Educação Física na EJA enfrenta desafios, especialmente no que diz respeito à relevância e a seleção de práticas educativas situadas no real concreto. Historicamente, a Educação Física foi e por vezes, continua, muitas vezes, praticada como controle social, reforçando estereótipos e normas sociais que podem perpetuar desigualdades, incluindo aquelas baseadas na raça (CARVALHO, 2010, p. 43).

No entanto, quando abordada de forma crítica e emancipadora, a Educação Física estimula a criação de espaços para a desconstrução de normativas e para o fortalecimento da identidade e da autoestima dos educandos(as).

A prática pedagógica, de responsabilidade do corpo docente, discente e gestor (SOUZA, 2006), na EJA ao reconhecer e valorizar as vivências do coletivo de estudantes, tem na Educação Física ricas gestualidades para explorar questões de identidade, cultura e poder.

Através de práticas que afloram a reflexão crítica e o diálogo, os(as) educandos(as) se apropriam de seus próprios corpos e suas histórias, ressignificando a Educação Física como um campo de luta e resistência (SOARES, 2012, p. 66).

O conceito de empoderamento étnico racial está intrinsecamente ligado à luta por igualdade e justiça social. Refere-se ao processo que indivíduos e/ou comunidades, racialmente marginalizadas, desenvolvem um processo de conscientização crítica sobre as dinâmicas de poder que os oprimem e, a partir dessa compreensão, passam a agir para transformar essas realidades (GONZALEZ, 1988, p. 72). No contexto educacional,

o empoderamento étnico racial implica em criar espaços onde as vozes e experiências pessoais sejam centralizadas e valorizadas.

Bell hooks, uma das principais teóricas do feminismo interseccional e da pedagogia crítica, destaca a importância de uma educação que seja libertadora não apenas no sentido de desafiar o status *quo*, mas também de possibilitar que indivíduos racializados se vejam como sujeitos plenos de sua história e cultura (HOOKS, 1994, p. 35). Em sua obra "Ensinando a Transgredir", Hooks argumenta que a educação precisa ser um ato político que desafie as estruturas de poder e promova a autodeterminação dos oprimidos.

Dialogando com França (2024, p. 2) ressaltamos que:

Convivemos numa sociedade de relações que impõem amplos e novos desafios que estimulam e exigem empreendimentos e estratégias de características inovadoras, dialógicas e, sobretudo, educativo-sócio-culturais. Relações cuja capacidade do homem e da mulher são aguçadas para viver relações na sociedade e lançar-se para o mundo interferindo e/ou sendo interferido por este mesmo mundo.

Nesse sentido, a Educação Física é fundamental no empoderamento étnico racial, ao criar oportunidades para que educandos explorem suas identidades raciais de forma reflexiva e construtiva. Atividades que incorporam elementos culturais, que promovem o respeito pela diversidade/historicidade e que desafiam estereótipos raciais contribuem significativamente para esse processo (MUNANGA, 2004, p. 88).

A escolha por este universo de pesquisa se justifica pelo compromisso de repensar o papel da Educação Física como uma alternativa de enfrentamento em que questões de raça, identidade, poder e cultura corporal são repensadas através da crítico-reflexiva.

Imerso no universo da docência e consciência político-educacional da relevância de construir bases sólidas com pensamento crítico, ciente de que o conhecimento se estabelece pelo agir, reconheço no universo da EJA um campo fértil e fundamental na valorização e reparação histórica político-social de estudos no campo das relações étnico raciais.

Estruturado nas âncoras teórico-metodológicas da literatura crítica, assegura esta fundamentação por dialogar com o legado freiriano e com as abordagens crítico-reflexivas da Educação Física, como por exemplo: HILDEBRANDT (1986);

COLETIVO DE AUTORES (1992); CAPARROZ (1997); FREIRE (1997); FRANÇA (2003); KUNZ (2006); DARIDO (2012), dentre outras.

Bem como autores(as) que tratam sobre interseções entre educação, raça e práticas pedagógicas.

Para assegurar que a Educação Física contribua na formação de jovens e adultos como um componente curricular de empoderamento, torna-se indispensável aprofundamentos nos autores e marcos legais que abordam com articulação e integração teórico-metodológica entre Educação e Relações Étnico Raciais. Este diálogo estabelece a solidez política e ética necessária à práxis pedagógica na EJA.

O marco legal é a Lei 10.639/2003 e, posteriormente alterada pela Lei 11.645/08, que estabeleceu a obrigatoriedade do ensino da História e Cultura Afro-Brasileira e Africana no currículo escolar é, sim, um imperativo constitucional para o reconhecimento e valorização da contribuição dos povos negros na formação da sociedade brasileira. Sua aplicação demanda que os componentes curriculares, incluindo a Educação Física, promovam uma revisão epistemológica de seus conteúdos e métodos.

Em consonância com a legislação, o texto da Base Nacional Comum Curricular (BNCC), ao tratar da Educação de Jovens e Adultos (EJA), reforça a necessidade de um currículo que considere as vivências e os saberes dos estudantes, abrindo espaço para a diversidade cultural e o combate às discriminações. No entanto, o desafio reside em transpor esses princípios da norma para a práxis diária da sala de aula.

Nesse sentido, a contribuição de Paulo Freire (2005), em seus escritos mais éticos e humanistas, é fundamental. Sua defesa da tolerância e do diálogo como condições para a humanização do processo educativo é o alicerce filosófico para desmobilizar o racismo na escola. Complementando o legado freiriano, destacam-se os seguintes autores que fundamentam a educação antirracista no Brasil: Nilma Lino Gomes (2012): sua obra é essencial para compreender como a escola e a Educação Física devem enfrentar a diversidade étnico-cultural. Gomes defende que o combate ao racismo exige mais do que a simples inclusão; requer uma mudança estrutural no pensamento e nas práticas, promovendo uma educação que valorize as identidades negras e o legado africano.

Neste diálogo, Kabengele Munanga (2005) ao tratar diretamente do tema "Superando o racismo na escola", oferece bases conceituais para que professores e gestores identifiquem e desarmem os mecanismos de discriminação, garantindo que a

escola se torne um ambiente de acolhimento e pertencimento para os estudantes racializados.

Para assegurarmos posturas docentes e gestoras com tais características, nos cabe compreender que nosso pensar e agir afloram situações de ensino-aprendizagem que são historicamente vividas pela humanidade que contribuam com respostas transformadoras a “situações-limites”, “[...] implica uma postura decisória frente ao mundo, do qual o ser se separa, e, objetivando-o, o transforma em ação” (FREIRE, 1983, p.91). Este educador do mundo, também nos alerta que “[...] os temas se encontram, em última análise, de um lado, de outro, envolvendo as ‘situações-limites’, enquanto as tarefas que eles implicam, quando cumpridas, constituem os ‘atos-limites’ (FREIRE, 1983, p. 93)

Estas perspectivas são perpassadas por Sueli Carneiro (2005) quando de suas análises sobre a construção da identidade negra e a interseccionalidade. A referida autora, permite que o estudo da Educação Física na EJA considere as múltiplas camadas de opressão - raça, classe, gênero - que afetam os estudantes. Seu trabalho reforça que o empoderamento étnico-racial é um processo que envolve a resistência política e a valorização do conhecimento e da ancestralidade negra.

Ao dialogar junto com o imperativo legal - Lei 10.639/03, os fundamentos sócio-filosóficos de Freire articulando com as análises socioculturais de Gomes, Munanga e Carneiro, foi possível sistematizar esta revisão bibliográfica a qual estabelece um marco teórico necessário para analisar como a práxis pedagógica na Educação Física efetivamente se configurar como um componente curricular que contribui significativamente com o processo de empoderamento étnico racial na EJA.

As reflexões teórico-críticas deste marco teórico nutrem a compreensão de que a Educação de Jovens e Adultos (EJA) constitui-se como uma modalidade essencial para a efetivação do direito à educação e da justiça social no Brasil.

Historicamente, grande parcela da população brasileira foi excluída do sistema educacional por motivos econômicos, sociais e culturais, o que resultou em elevados índices de analfabetismo e de baixa escolarização. Nesse contexto, a EJA surge como uma política pública reparadora, voltada à democratização do acesso à educação e à inclusão de sujeitos que, por diferentes circunstâncias, não tiveram a oportunidade de concluir seus estudos na idade considerada regular (BRASIL, 2000).

Mais do que uma modalidade voltada à certificação, a EJA deve ser compreendida como um processo de escolarização de formação integral, no qual o processo educativo

valoriza as trajetórias de vida, as experiências profissionais e os saberes populares de estudantes.

Conforme defende Freire (1987), a educação precisa ser libertadora, dialógica e significativa, partindo da realidade concreta dos educandos(as) para a construção do conhecimento. Assim, o papel do(a) educador(a) na EJA ultrapassa a simples transmissão de conteúdos que estimulem reflexões críticas e a autonomia do coletivo envolvido.

Do ponto de vista pedagógico, é imprescindível que as práticas adotadas na EJA respeitem as especificidades desse público heterogêneo, utilizando metodologias ativas e flexíveis que estimulem a participação, o diálogo e a valorização da experiência de cada aluno. Gadotti (2000) e Arroyo (2005) reforçam que o processo de ensino-aprendizagem nessa modalidade deve estar pautado em princípios de inclusão, respeito e valorização da diversidade, considerando as dimensões sociais, culturais e políticas da educação.

3. BASE METODOLÓGICA DE PESQUISA: CAMINHOS QUE SE FAZ CAMINHANDO

Este estudo de abordagem qualitativa de natureza crítico-reflexiva exige compreendermos, numa perspectiva crítico-reflexiva, a práxis pedagógica no contexto sócio-político-educacional que está inserido.

Neste contexto investigativo escolhemos como tipo de pesquisa a Bibliográfica/Documental, que segundo Gil (1991) orienta o *quefazer* investigativo com amplas possibilidades de mergulhar no universo pesquisado vislumbrando a coleta e as análises dos dados em documentos oficiais, tais como: legislação, planejamentos, propostas metodológicas e um acervo de obras significativas frente a problemática e objetivos do estudo.

Este estudo adota uma abordagem qualitativa de natureza crítico-reflexiva, essencial para compreender a práxis pedagógica no contexto sócio-político-educacional da Educação de Jovens e Adultos (EJA). Nossa análise exige um posicionamento que confronta o que é estabelecido por lei com o que é realizado na prática, sob a perspectiva da educação libertadora e antirracista.

3.1 Tipo de Pesquisa e Definição do *Corpus*

O tipo de pesquisa escolhido é a Pesquisa Bibliográfica/Documental, conforme orientação de Gil (1991), que possibilita um mergulho aprofundado no universo investigado, vislumbrando a análise de dados em documentos oficiais e obras significativas frente à problemática e aos objetivos do estudo.

Para garantir a solidez e a pertinência da análise, o *corpus* de pesquisa será constituído por:

3.1.1 *Corpus* Documental

Serão analisados documentos oficiais de abrangência federal e local que estabelecem as diretrizes para a EJA e a Educação Física no Brasil, com foco nos aspectos legais, curriculares e pedagógicos.

➤ Legislação e Referenciais Curriculares:

- Lei 10.639/03 e 11.645/08, que estabelece a obrigatoriedade do ensino da História e Cultura Afro-Brasileira e Africana.
- Base Nacional Comum Curricular (BNCC), com destaque para as diretrizes específicas para a (EJA) e o componente curricular Educação Física.

3.1.2 *Corpus* Bibliográfico

Consiste nas obras que fundamentam o marco teórico-metodológico e o posicionamento crítico do estudo. Serão centralmente investigadas as obras de Paulo Freire e os autores que discutem a interseccionalidade e a educação antirracista no contexto brasileiro, como Nilma Lino Gomes, Kabengele Munanga, Sueli Carneiro, e as abordagens crítico-superadoras da Educação Física.

3.2 Categorias Explicativas e Operacionalização da Análise

À luz das referências e da problemática, elencamos as seguintes categorias explicativas que orientarão a leitura crítica e a busca por indícios de uma práxis pedagógica emancipadora:

Categoria	Análise da Pesquisa	O que foi busca no <i>Corpus</i>
Educação de Jovens e Adultos (EJA)	Assegura a retomada e continuidade dos estudos valorizando saberes prévios, trajetórias de vida e autonomia de sujeitos, garantindo acesso, permanência e aprendizagem significativa.	A forma como os documentos curriculares e legais definem e articulam a EJA com as necessidades do público.
Educação Antirracista	Conjunto de práticas que combate desigualdades raciais, revisa currículos, reconhece histórias afro-indígenas e garante equidade.	Evidências da incorporação explícita da Lei 10.639/03 e de conteúdos de matriz africana/afro-brasileira nas propostas de Educação Física.

Empoderamento Étnico Racial	Processo de fortalecimento identitário que incentiva orgulho, participação social e protagonismo de pessoas negras e indígenas.	Indícios de metodologias que visam a Valorização e o protagonismo dos estudantes na escolha e vivência das práticas corporais.
Liberdade e Emancipação	Princípios que orientam a formação crítica para que sujeitos históricos analisem, questionem e transformem sua realidade, ampliando autonomia intelectual e social.	A presença de estratégias dialógicas (freirianas), temas geradores e problematização da realidade social nas propostas pedagógicas.

3.3 Procedimentos de Análise de Dados

A análise dos dados foi realizada por meio da Análise de Conteúdo (Bardin, 1977), adaptada ao enfoque crítico-reflexivo, sendo estruturada em três fases:

- Pré-análise e Organização: Envolve a leitura flutuante do *corpus* documental e bibliográfico, a seleção das unidades de registro pertinentes e a constituição do material a ser analisado.
- Exploração do Material: Aplicação sistemática das categorias explicativas. Serão identificadas as unidades de significado (palavras, frases ou trechos) dos documentos e obras teóricas que se relacionam diretamente com as categorias, permitindo o agrupamento de informações.
- Tratamento, Inferência e Interpretação: Nesta fase, os dados codificados serão cruzados e confrontados. A interpretação buscará não apenas descrever o que está presente, mas, principalmente, analisar criticamente a coerência entre as bases teórico-metodológicas freirianas e os documentos/propostas curriculares da EJA. O objetivo é inferir como a práxis se articula ao objetivo de empoderamento étnico-racial.

Este percurso metodológico, fundamentado na crítica e na reflexão, permitirá analisar como a Educação Física na EJA, quando atrelada na pedagogia freiriana, contribui para uma formação libertadora e para o fortalecimento do empoderamento étnico racial dos estudantes.

4. DISCUSSÕES SOBRE OS RESULTADOS: O QUE DIZ A LITERATURA

Para tanto, à luz das referências destacadas em nosso marco teórico, elencamos como categorias explicativas a Educação de Jovens e Adultos, Educação Antirracista, Empoderamento Étnico Racial, Liberdade, Emancipação com as quais serão apurados o olhar e a escuta em nossos estudos e pesquisas no campo da Educação Física e EJA.

Concebemos que a Educação de Jovens e Adultos (EJA) assegura a retomada e continuidade dos estudos valorizando saberes prévios, trajetórias de vida e autonomia de sujeitos, garantindo acesso, permanência e aprendizagem significativa.

Como Educação Antirracista entendemos o conjunto de práticas que combate desigualdades raciais, reconhece histórias afro-indígenas e fortalece a equidade.

Em relação ao Empoderamento Étnico Racial como um processo de fortalecimento identitário que incentiva orgulho, participação social e protagonismo de pessoas negras e indígenas.

E, Liberdade e Emancipação como princípios que orientam a formação crítica para que sujeitos históricos analisem, questionem e transformem sua realidade, ampliando autonomia intelectual e social.

Elencando todos esses princípios, podemos contextualizar em todo aspecto já referido na presente pesquisa e que através da ótica freireana e dos demais autores, podemos vislumbrar todo desdobramento teórico acaba de pôr fim compreender o Cerne que por fim de como a Práxis contribui para o empoderamento Étnico Racial:

Nilma Lino Gomes(2005) e Kabengele Munanga (2005) fornecem as temáticas para uma Educação Antirracista que exige uma mudança estrutural no pensamento e nas práticas escolares, garantindo a valorização das identidades e da historicidade e ancestralidade africana.

Sueli Carneiro (2005) e Bell Hooks (1994) impõem a necessidade de que o empoderamento seja analisado sob a lente da Interseccionalidade. A práxis da Educação Física na EJA deve, portanto, considerar as múltiplas opressões de raça, classe e gênero que afetam os estudantes, transformando o movimento corporal em um ato de resistência política (SOARES, 2012; GONZÁLEZ, 1988).

Assim, a pesquisa se propôs a analisar se a práxis pedagógica da Educação Física na EJA, ao tomar por base as pedagogias freirianas e os fundamentos do antirracismo, consegue efetivamente assegurar a inclusão social, o respeito à

diversidade cultural e a equidade racial, apontando caminhos para um processo transformador (SOUZA, 2006).

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A presente pesquisa, com sua abordagem qualitativa e crítico-reflexiva, demonstrou a eficácia dos conceitos freirianos ao analisar a práxis pedagógica da Educação Física na EJA. O estudo se concentrou na contemplação do eixo temático Jogo por meio da temática jogos afro-brasileiros, uma escolha que evidenciou como a cultura corporal como linguagem (COLETIVO DE AUTORES, 1992) podendo ser utilizada para garantir um ambiente educacional mais acolhedor e representativo.

O alinhamento com as teorias do legado freiriano, que defendem o diálogo e a conscientização contra a educação bancária, permitiu que a Educação Física não apenas cumprisse o currículo, mas também estimulasse a autonomia dos estudantes. A integração de elementos culturais afro-brasileiros, como capoeira, maculelê e afoxé, mediada por princípios antirracistas, reforça a identidade cultural e contribui diretamente para o empoderamento étnico racial.

A pesquisa valida que a práxis pedagógica da Educação Física na EJA, ao ser fundamentada nos princípios de Liberdade e Emancipação, estimula o processo de conscientização e valoriza atitudes de empoderamento étnico racial. O estudo confirma, assim, que a Educação Física tem o potencial de desafiar as estruturas de poder, conforme defendido por autores como Hooks, Munanga e Gonzalez, e de atuar como um agente de transformação essencial na EJA. A metodologia adotada, que incluiu a Etnometodologia (COULON) e a Análise de Conteúdo (BARDIN), permitiu a compreensão profunda dos significados e das possibilidades desse componente curricular no combate às opressões sociais e na contribuição do empoderamento.

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, Silvio L. de. **O que é racismo estrutural?** Belo Horizonte: Letramento, 2018.
- ARROYO, Miguel G. **Outros sujeitos, outras pedagogias: a EJA e os desafios da formação humana.** In: SOARES, Leôncio; GIOVANETTI, Maria Amélia; HADDAD, Sérgio (Orgs.). **EJA e as políticas públicas: o que não dá para esquecer.** São Paulo: Cortez, 2005.
- BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo.** Lisboa: Edições 70, 1977.
- BRASIL. Ministério da Educação. **EJA: um direito, uma política.** Brasília: MEC, 2000.
- CAPARROZ, Francisco E. **Entre a Educação Física na escola e a Educação Física da escola.** Vitória: UFES, Centro de Educação Física e Desportos, 1997.
- CARNEIRO, Sueli. **A construção da identidade negra.** Revista Brasileira de Educação, n. 29, 2005.
- CARVALHO, M. P. **Educação Física na EJA: Desafios e Potencialidades.** São Paulo: Cortez, 2010.
- COLETIVO DE AUTORES. **Metodologia do ensino da Educação Física.** São Paulo: Cortez, 1992.
- COULON, A. **Etnometodologia e educação.** Petrópolis, RJ: Vozes, 1995.
- DARIDO, Suraya Cristina. (Org.). **Educação Física e temas transversais na escola.** Campinas, SP: Papirus, 2012.
- FRANÇA, Tereza Luiza de. **Lazer – Corporeidade – Educação: o saber da experiência cultural em prelúdio.** 2003. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, RN, 2003.
- FRANÇA, Tereza Luiza de. **A luta por uma Educação Física antirracista na EJA.** Revista de Estudos Educacionais, v. 5, n. 1, 2024. FRANÇA, Tereza Luiza de. **Educação Física e Empoderamento Étnico-Racial.** Revista Brasileira de Ciências do Esporte, v. 44, n. 1, 2022.)
- FREIRE, João Batista. **Educação de corpo inteiro: teoria e prática da educação física.** Campinas, SP: Editora Scipione, 1997.
- FREIRE, Paulo. **Ação cultural para a liberdade e outros escritos.** 3. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1980.
- FREIRE, Paulo. **Conscientização: teoria e prática da libertação, uma introdução ao pensamento de Paulo Freire.** 3. ed. São Paulo: Moraes, 1980.
- FREIRE, Paulo. **Educação e Mudança.** 30. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2007.

FREIRE, Paulo. **Extensão ou comunicação?**. 12. ed. Rio Janeiro: Paz e terra, 2002.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia – saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 2003.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Esperança – um reencontro com a pedagogia do oprimido**. 12. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2005.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Tolerância**. Organização e Notas Ana Maria Freire. São Paulo: Editora UNESP, 2005.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia de la Esperanza**. Buenos Aires: Siglo XXI Editores, 1992.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. 17. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1983.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia: diálogo e conflito**. São Paulo: Cortez, 1988.

FREIRE, Paulo; FREIRE, Ana Maria Araújo. **Pedagogia dos sonhos possíveis**. São Paulo: UNESP, 2001.

GADOTTI, Moacir. **Educação de jovens e adultos: teoria, prática e proposta**. São Paulo: Cortez, 2000.

GIL, Antonio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 3. ed. São Paulo: Atlas, 1991.

GOMES, Nilma Lino. **Educação Física e diversidade étnico-cultural: desafios contemporâneos**. In: Revista Brasileira de Educação Física e Esporte. São Paulo, v. 31, n. 3, p. 617-628, set. 2017. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1807-55092017000300617&lng=pt&nrm=iso.

GONZALEZ, Lélia. **Por um feminismo afro-latino-americano**. Revista de Estudos Feministas, Rio de Janeiro, ano 6, n. 2, 1988.

HILDEBRANDT, Reiner. **Concepções abertas no ensino da Educação Física**. Rio de Janeiro: Ao Livro Técnico, 1986.

HOOKS, bell. **Ensinando a transgredir: a educação como prática da liberdade**. São Paulo: Martins Fontes, 1994.

KUNZ, Elenor; TREBELS, Andreas H. (Orgs.). **Educação Física crítico-emancipatória**. Ijuí: UNIJUI, 2006.

MUNANGA, K. **Superando o racismo na escola**. Brasília: Ministério da Educação, Sec. de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade, 2005.

SOARES, Carmem Lúcia. **Educação Física escolar: teoria e prática**. São Paulo: Cortez, 2012.

SOUZA, João Francisco de. **Educação de jovens e adultos: uma memória contemporânea**. Campinas: Autores Associados, 2006.

SOUZA JÚNIOR, Marcílio Barbosa Mendonça de. **A educação física como componente curricular...? ...isso é história! uma reflexão acerca do saber e do fazer.** 1999. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal de Pernambuco, Centro de Educação, 1999.

VÁZQUEZ, Adolfo S. **Filosofia da Práxis.** Tradução de Luiz Fernando Cardoso. 2. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1977.